



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 714

A ESPERTEZA do PARDAL

POR ISOLDINA

DESDE que a comadre Pardoca ficara viúva, rodeada de orfãoszinhos, o Pardal Pardêlho matutava em como se pode encontrar estupidamente uma morte ingloria, numa armadilha preparada pelo homem. — «Nunca fiando, meninos, nunca fiando, dizia êle à sua numerosa prole, que pipilava alegremente, ansiosa pelo momento em que, livres da tutela do pai Pardêlho, as suas asitas os levariam por êsses ares fóra, a ver as lindas coisas ainda deles desconhecidas.»

O Pardal Pardêlho era muito vaidoso — coisa bem feia — e julgava-se o bicho mais esperto do mundo. Quando via a comadre Pardoca regressar ao ninho, desanimada pela magra colheita para sustento dos filhinhos, e se lamentava, esperando do vizinho e compadre um gesto de bondade, como fôsse: ceder-lhe êle, amavelmente, alguns grãoszinhos do seu biscato, recebia esta resposta impiedosa: — «Olhe, comadre: lá porque o seu companheiro se deixou cair estupidamente numa armadilha

por um misero migalho de pão, eu é que hei-de sustentar-lhe os filhos? Não fôsse tão tolo!...»

A Pardoquinha, sua companheira, olhava a pobre viúva, compadecida; mas, com receio do vaidoso egoísta, não se atrevia a socorrê-la. Os pardalitos cresceram. Já ensaiavam grandes vôos em roda do quintal, e poisavam nas árvores vizinhas. Chegara o tempo em que o grão é escasso e muito se mourejava para colher o grãoszinho de cada dia. E uma vez, quando o Pardal recolhia ao ninho, cansado, considerando, com tristeza, a magra colheita que mal mataria a fome aos seus, os olhos se lhe prenderam numas manchas brancas sobre o muro de tejo. Eram muitos, e bem apetitosos, bocadinhos de pão. Oh! Felicidade! Custa-lhe a crêr o que vê. E, desconfiado, pé aqui, pé ali, observa, pesquisa e certifica-se, enfim, de que não há perigo em apoderar-se daquele «maná». Como, porém, não podia transportá-lo às costas nem tão pouco às mãos cheias, mas somente na bôca, o que levaria muito tempo — correndo ainda o risco de outros o descobrirem e papa-

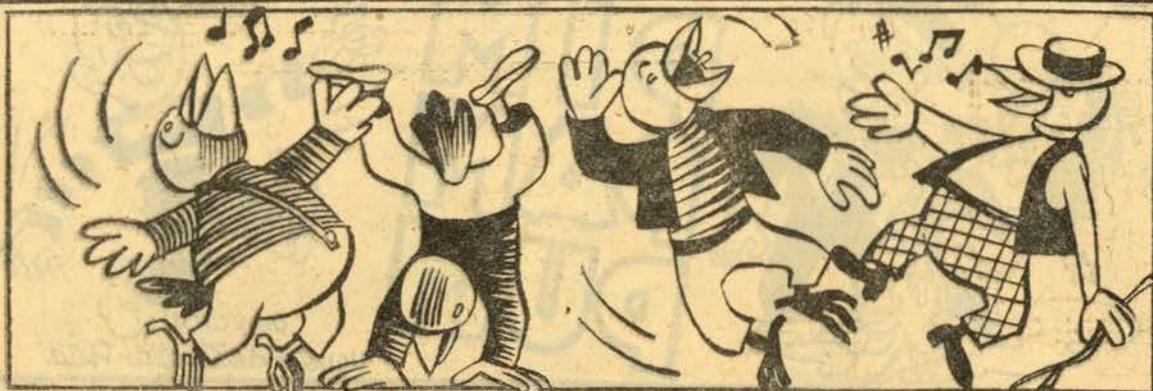


rem-lho — resolveu chamar os filhitos para virem comer com êle. Comeram, a fartar, da pitaça; e, dali a pouco, começaram a fazer piruêtas muito cómicas. Dansaram, à espanhola, o fandango. A' inglesa, o box; e, até, um batuque à moda dos prêtos, o que atraía já numerosa passarada que ria, muito divertida, daquelas atitudes extravagantes. Por fim, saíram já sem forças, de papinho para o ar e cabeçitas à banda.

Quando a Pardoquinha se preparava para ir ver o que sucedera, de-teve-se estarecada. Um feio homem se aproximara. Viu-o curvar-se e lançar os desgraçadinhos todos para um pequeno cesto que levava consigo.

Pois, meus meninos, ao Pardal Pardêlho não lhe valeu a esper-teza. Não caiu no costelo, mas caiu de bêbedo. Sim, senhores. Um grande apreciador de arroz com pardais, usava êste sistema: impregnava pequenos bocadinhos de pão, de aguardente, que os esfaimados passarinhos comiam avidamente, ficando embriagados; e, por isso, tomavam aquelas grotescas ati-





tudes. Depois de completamente atordoados, fácil lhe era apanhá-los.

A Pardoca e a Pardoquinha choraram, juntas, a sua desdita, e repar-

tem, entre si, além do sustento e do trabalho, o carinho com os órfãos da primeira.

Devemos ser solidários na desgraça

é nunca presumirmos de muito estertos.

F I M

★ INTERCAMBIO EPISTOLAR ★



Virginia de Carvalho Nunes
15 anos



Maria Luisa Franco
17 anos



Maria Angélica Barreto
14 anos



Mariete de Jesus dos Santos
20 anos



Maria José Franco Ribeiro
15 anos



Maria de Lourdes Ferreira de M. S. e Silva



Maria Luisa dos Prazeres Gabral
17 anos



Fernanda Elvira Ferreira Oscar
14 anos



Erolilde Rodrigues Pais
19 anos



Lisete Peres Martinho
13 anos

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe for destinada, dentro doutra que será endereçada à Redacção do «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — Intercâmbio epistolar.

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de inter-câmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram na coluna superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica na mesma verticalidade, em baixo.



UM ADMIRADOR
E AMIGUINHO DO
«PIM-PAM-PUM»

O menino Fernando Lopes Navarro, quando tinha um ano,

SOLUÇÃO DA ADIVINHA DO ANTE-PENÚLTIMO NÚMERO

O ilustre sábio «Sabão» tinha os erros seguintes: 1.º o chapéu ao contrário; 2.º a bengala com o cabo para baixo; 3.º um sapato sem polaina; 4.º uma perna da calça sem dobra; 5.º os botões do braço direito, do lado de dentro; e, finalmente, o 6.º representa o sábio numa posição anti-natural, pois quando a perna direita avança, o braço esquerdo também.

O TANQUE ABANDONADO

POR VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

NA quinta dum velho solar arruinado, existia um tanque, onde a água há muito estagnara. Num zumbido contínuo, centenas de mosquitos viviam sobre a camada apodrecida que a cobria.

Ora o tanque lembrava-se sempre, cheio de saudades, do tempo longínquo em que na sua água se reflectia o azul maravilhoso do céu, a luz radiosa do sol, as douradas estrelas e a lua prateada.

Recordava-se, ainda, dos lindos pássaros que, em tempos idos, vinham ali saciar a sua sede e dos peixinhos irrequietos que haviam vivido na sua água.

Não se conformava com a penumbra a que estava condenado e com os bulhentos e antipáticos mosquitos, que não o largavam.

Muito rabujento, mal humorado, tódas as vezes que podia, afogava na água venenosa aqueles malditos, tão detestados.

Nessas ocasiões, pelas nesgas que se abriam no tapete verde e espesso, debaixo do qual a sua água vivia, o tanque respirava, muito sófrego, o ar puro que soprava da banda de lá.

Quando o vento, furioso, lhe batia, o seu coração palpitava, na esperança que ele tivesse forças de o livrar do péso tamanho daquela cobertura.

Mas qual! Quanto mais ventania havia, mais folhas, palhas, poeira e tódá a qualidade de lixo se acumulavam sobre elle e cada vez a camada se tornava mais compacta.

Desiludido, inventara uma canti-

lena muito triste que nas horas amargas murmurava:

— Eu sou o tanque velhinho que está ceguinho, sem ver o sol, as estrelas, puras e belas, as borboletas e flôres, de muitas côres



e tódá a grande beleza da Natureza.

A-pesar da muita idade, com que saudade, acabarei, cá no fundo, sem ver o mundo!

Assim chorava, lamentoso, o tanque do solar arruinado e o seu lamento saído da água profunda, como um cantochão, espalhava-se pelos campos. Todos o estranhavam, intrigados, pelo mistério que o envolvia, pois os pássaros, flôres, árvores e plantas desconheciam aquella água oculta e as paredes do velho tanque.

Ora, um belo dia, o solar foi vendido a um ricoço.

Quando menos esperava, aos ouvidos do tanque, chegou um ruído do marulhar duma água que empurrava, brutalmente, a outra, apodrecida dentro dele.

Alguém abriu uma represa, há muito fechada.



Essa água, revólta, correu veloz, lavando o velho tanque e levou consigo a camada espessa e mal cheirosa que sobre elle se amontoara.

Numa sensação de frescura e limpeza, as suas paredes sentiram água nova, límpida, que no seu espelho cristalino logo reflectiu o azul maravilhoso do céu, a luz radiosa do sol e o verde fresco do arvoredo que sobre o tanque se debruçava.

Dai a pouco, bandos de lindos pássaros visitaram a água recém-chegada, com cantos e chilreados alegres.

E, mais tarde, cardumes de peixinhos variados, vieram ali viver e alegrar o tanque.

Este, encantado com a sua transformação, cantava agora, radiante:

— Os meus olhos já se abriram e tudo viram!
A minha água tão pura, sua frescura, deu-me outra vez mocidade e novidade!
Voltei a ter alegria, e a vêr o dia!
Já ouço as aves cantar, rãs coaxar!
Vejo flôres e arvoredo, mais seu folhêdo, converso com os peixinhos, meus amiguinhos.
Vendo o sol, a terra e os céus, eu vejo Deus!



ADIVINHA



Solução do problema anterior

QUEM MAL FAZ... POR FRANCISCO VENTURA



Zé «Manel», todo risonho,
Pé ante pé, ligeirinho,
Foi, um dia, roubar peras
Ao quintal do seu vizinho.



Porém, quando enchia os bolsos,
Viu, como vindo do chão,
Seu vizinho junto dele
Mas de espingarda na mão,

Dizendo-lhe: «Seu malandro!
Com que então barriga cheia?
Pois, agora, vai comigo
Para dormir na cadeia.»



E Zé Manel, por querer
Boas peras ir roubar,
Lá vai para a sua aldeia
Junto ao vizinho a chorar.



Mas, pelo caminho fôra,
Tanto no caso pensou,
Que resolveu escapar-se,
Pois um bom plano encontrou.

Fazendo frente ao vizinho,
Disse, em voz atrojadora:
— «Então eu vou aqui prêso...
E os que andam por lá agora?»



O vizinho, ao ouvir isto,
Fulo, gritou: «É verdade!»
E correu para a pereira
Em grande velocidade.



O Zé «Manel», que mentira
Para longe o poder ver,
Quando o viu já afastado
Foi para casa a correr,

Mas quando, alegre, fugia,
Caíu dentro dum valado.
*Quem mal faz, mal lhe sucede,
Não há mais certo ditado.*

Os 30 contos do Sérgio

Por LEONOR de CAMPOS

O Pai chamou os três filhos e disse-lhes: — «Vamos lá conversar um pouco. Valeu? Gostaria de saber, ao certo, qual de vocês é mais sensato. Por isso me lembrei de lhes fazer uma pergunta. Se cada um de vocês fôsse possuidor de 30 contos, que lhes faria?» — «Nem é bom pensar nisso, meu Pai» — respondeu, risonho, o José. — «Está bem. Mas, em todo o caso, vai pensando. Não quero uma resposta no ar.»

— «Mas eu não gosto de sonhar com impossíveis!» — «Nada neste mundo é impossível» — disse de lá o gordo Raúl, com ares doutorais.

Mas o José replicou, vivamente: — «Ah não? Então será possível que torne a nascer ao nosso vizinho sapateiro, a perna que, o ano passado, lhe cortaram?»

— «Sei lá!...» — respondeu o Raúl, que, com as suas filosofias, se esforçava sempre por irritar o irmão.

Então o Pai interveio: — «Acabem com questões e respondam ao que lhes perguntei.» — «Mas isso foi a sério, meu Pai?» — «Muito a sério!...»

Houve uma pequena pausa. E, por fim, o José respondeu: — «Se eu tivesse 30 contos ainda hoje os estafava num automóvel!» — «E para que querias tu um automóvel?»



— «Para levar a família a passear, nos domingos.» — O Pai sorriu e perguntou a Raúl: — «E tu?» — «Eu punha-os num banco, a render.» — «Para quê?» — «Para juntar até fazer os 20 anos. Depois ia buscá-los, já acrescentados

com os respectivos juros e partia para Hollywood.»

— «Queres ser costureiro da Greta Garbo?» — troçou o José.

— «Não. Querias ser uma espécie de Robert Taylor.»

— «Só se fôsses um Robert Taylor muito inchado... Meu amigo: dêsse corpanzil só se poderia fazer um «Bucha».

— «Que gracinha!...»

O Pai impôs silêncio aos filhos mais velhos e interrogou o Sérgio:

— «Que farias tu aos 30 contos?»

O Sérgio, rapazinho sisudo e inteligente, tem apenas 12 anos; menos dois que o Raúl e menos três que o José.

A pergunta do Pai respondeu:

— «Entregava-os ao Pai. Não preciso de dinheiro para nada! O Pai veste-me e calça-me, dá-me de comer, paga-me as lições e os eléctricos. De vez em quando leva-me ao cinema. Que mais quero eu?»

— «Mas eu não aceitava o teu dinheiro. Neste caso que lhe farias?»

— «Nesse caso... comprava umas coisas em que a Mãe há muito tempo anda a pensar...»

— «... E veem a ser?..»

— «Um frigorífico, máquinas para lavar roupa e louça... e uma bonita mobília para a sala de jantar. Depois, comprava uns casacos bem fortes para os filhos do sapateiro côxo, que andam sempre cheios de frio. E o resto do dinheiro repartia-o pelos meus irmãos; que são mais velhos e não gostam de trazer os bolsos vazios.»

Raúl e José córaram, intensamente. E o Pai, comovido, tirou uma carta do bolso e disse:

— «Vou ler-vos esta carta, que hoje recebi:

Meu querido Eduardo

Aí vai um cheque de 100 contos. Dêsse dinheiro — uma ajudasita para a educação dos pequenos — tirarás 30 contos, que entregarás àquele dos teus filhos que mais sensato se mostrar e melhor aplicação souber dar-lhes.

Tua mulher e tu serão os juizes. Mas, se houver qualquer dificuldade



HISTÓRIA DE UM CÃO

POR MANUEL FERREIRA

O Necas, menino dos seus oito anos, só estava satisfeito quando fazia mal aos animais.

As galinhas, na capoeira, andavam numa roda viva, sempre que o pequeno se aproximava, manejando uma varinha. Ao pobre tareco, o Necas arrepelava a cauda e os bigodes.

Mas o que sofria mais com as travessuras do maldoso pequeno, era o Tejo, um cão lindo que, por ser manso, nem sequer mostrava os dentes ao dono.

Ora, aconteceu que, num belo dia, o Necas caiu doente, recolhendo à cama. Enquanto durou a doença, nunca o Tejo abandonou o quarto do menino. Fitava-o tão enternecidamente que fazia pena.

Quando o Necas se levantou e foi ao jardim, era ver os saltos de alegria



do Tejo. Então, a mãe do pequeno, aproveitou a oportunidade para lhe dar uma lição.

— «Como vês, o Tejo, esquecendo a maneira como o tratavas, não te abandonou, durante a doença. Nos dias em que estive de cama, o pobre animal quasi não comeu, levando as noites a uivar.

O cão é o animal mais amigo do Homem. Houve um cão da mesma raça do que o nosso, chamado Barry, que vivia, com os monges de S. Bernardo, na Suíça, entre seranias, cobertas de gelo e que levava para junto dos monges todos os viandantes que en-

contrava, sem ânimo, naquelas serras sem fim.

Durante doze anos, salvou mais de quarenta pessoas.

Assim que havia tempestade, Barry saía do convento, levando ao pescoço um cesto com pão e numa cabaça um tónico. Ao encontrar um viajante exausto, chamava-o com os seus latidos e, depois, ia, correndo, chamar os monges. Quando voltava ao convento, tocava a sineta e voltava para as seranias.

Uma vez, encontrou numa gruta uma criança gelada. Barry lamben-a, aqueceu-a e levou-a sobre o dorso para o convento.

Noutra ocasião, um dos frades quis seguir com o cão por determinado caminho. Barry recusou e, acompanhado pelo monge, seguiu por outro lado. Pouco depois, sobre o local por onde o monge queria seguir, desabou uma avalanche. Por outra vez, três soldados, que andavam perdidos devido a uma tempestade de neve, foram conduzidos por Barry ao convento.

Porém, numa noite de temporal, um viajante viu Barry dirigir-se-lhe. Supondo que o viesse atacar, o viajante bateu-lhe com um pau ferrado. Os

(Continua na pag. 7)



na escolha, cá estou eu para servir de Supremo Tribunal. Contudo, julgo que não será necessário. Abraça-vos a todos o tio que, em breve, conta voltar a ver-vos. — Manuel.»

— «O tio Manuel da América!» — exclamaram em coro os rapazinhos.

— «E, agora, quem há-de ser o premiado? Diga lá a senhora juíza.»

A Mãe ia responder. Mas o José antecipou-se:

— «Não é preciso falar, minha Mãe. A minha consciência diz-me que o prémio foi ganho e bem ganho pelo Sérgio.»

— «E a minha também!» — exclamou o Raúl.

— «A tua, quê?»

— «A minha consciência. Pois o que havia de ser?»

— «Ah sim... Mas tu tens disso?»

E o garoto do José dirigiu-se ao Sérgio, de mão estendida:

— «Parabens seu galito da Índia. Você mede meio palmo, mas vale mais que os seus irmãos juntos!»

Os pais entreolharam-se, de lágrimas nos olhos, ao verem o grupo formado pelos três irmãos, abraçados, pois o Raúl seguira o exemplo do José. Por fim, estorçando-se por tornar a voz firme, o Pai disse:

— «Muito bem, Está dada a sentença. Os 50 contos pertencem ao Sérgio. Mas como já não é necessário que ele gaste o seu dinheiro em ofertas à Mãe, pois que esta as não precisa, diga o senhor Sérgio que se lhe há-de fazer.»

— «Reparti-lo em três lotes, de 10 contos cada um e depositá-lo em nosso nome. Nós somos três irmãos!»

— «És um bom rapazinho — exclamou a Mãe — Deus permita que toda a vida sejas como hoje!»

— «O quê, minha Mãe? — interrogou o brincalhão do José. — Toda a

vida como hoje? Olha que lindo homem!... Dêste tamanho, com um corpinho tão enfezado, até me envergonhava de lhe chamar irmão!...»

— «Referia-me à sua alma, que é bem grande e não ao corpo.»

O José, então, voltou-se para o Sérgio e disse-lhe:

— «Pois bem. Faço votos porque cresças tanto, que a tua alma fique mesmo justinha ao corpo.»

— «Ih!... Que gigante colossal!... Se assim suceder, o fenómeno, quem vai para Hollywood és tu!...» — comentou, escarinho e pachorrento, o Raúl.

F

I

M

F Á B U L A M U D A



Meus meninos: — Novamente põmos a Concurso as legendas apropriadas a esta fábula, nas condições anteriores

HISTORIA DE UM CÃO (Continuado da página 6)

religiosos vieram, levaram o cão ao hospício mas a ciência não lhe conseguiu valer. A pancada fôra mortal. Chorando a perda do seu grande

amigo, os monges embalsamaram Barry, expondo-o no Museu de Berne. Assim morreu, vítima do Dever, o animal que tantas vidas salvou.

A lição do Tejo e a história de Barry serviram de exemplo ao Necas, que não tornou a fazer mal aos animais.

PALAVRAS CRUZADAS



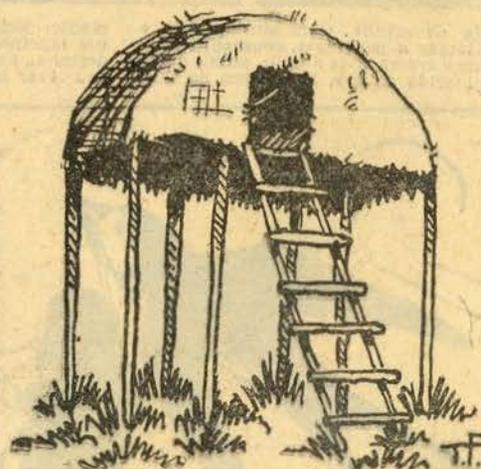
Horizontais:

1, espécie de caranguejo; 4, consoante; 5, advérbio de lugar; 6, vogal; 7, conjunção; 8, tempo do verbo ver; 9, vogal; 10, mamífero ruminante; 15, tempo do verbo dar; 16, gramíneas da Argélia, com que se fazem tapetes; 17, artigo; 18, que produzem som; 19, consoante; 20, epíteto ou apelido que os romanos acrescentavam ao cognome; 21, tempo do verbo rir; 22, atmosfera.

Verticais:

1, perigoso; 18, deitar fóra com um vaso; 14, enaltece; 2, tempo do verbo ir; 12, com afan; 3, criada grave, camareira; 13, tempo do verbo dar; 14, artigo; 15, açucarado.

COISAS EXÓTICAS DO NOSSO GLOBO



CASA INDIANA
BRASIL

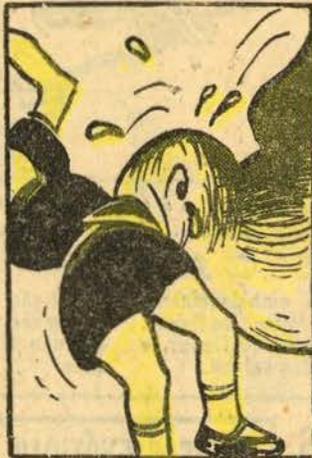
AVENTURAS FANTÁSTICAS da MILÚ



Como dissemos, dois perigos ameaçavam a Milú. Dum lado, a lagarta; do outro a andorinha. Pois foi esta última

que no bico a agarrou e começou voando com ela. Certamente ia dá-la aos filhos, como se fôra uma lagarta. Mas, a meio

do caminho, ouviu-se um tiro. E a andorinha sentiu uma dor muito forte numa patinha.



Fôra chumbada. Com muita custo, e sem largar a pequenita, conseguiu atingir uma árvore onde a Milú, ante o olhar reconhecido da ave, lhe tratou do ferimento.

Em seguida, rasgando em tiras um lençinho, amarrôu a patinha da andorinha. Esta, cheia, de gratidão, resolveu levar a Milú para o sítio em que a

tinha achado, isto é, para perto da casa dos pais da pequenita, que, nessa altura, já deviam andar aflitos à sua procura. Coitados! Mal sabiam eles que sua filha



estava reduzida à expressão mais simples, ou seja a uns 5 centímetros de altura.

Como a ave não queria, desta vez, ma-

goar a menina com o bico, resolveu levá-la presa por uma gaita.

O pior foi que, meio caminho andado, quebrou-se a gaita. E Milú veiu de escan-

tilhão por ali abaixo, de mais de 100 metros de altura.

Morrerá?

(Continua no próximo número)



LAVARES JUNIO